

As Mães de Fátima

Parábola do Despertar

Intérprete Fernando Ben

As Mães de Fátima

por *Fernando Ben*

Rio de Janeiro/RJ – 2022

IEEF

CATALOGAÇÃO PREPARADA NA
PRÓPRIA EDITORA

Ben, Fernando

As Mães de Fátima | Fernando Ben

Rio de Janeiro, RJ: IEFF, 2022, 47 páginas;
14x21 cm

978-65-996773-6-6 by IEFF

Título: As Mães de Fátima – Abril de 2022.

Publicado no Brasil Published in Brazil

Transcrição dos áudios: Daniela Burigato e
Fátima Monteiro Rúbia

Correção ortográfica: Rosana Andrade

Arte da capa: Andrea Modesto

Miolo e edição: Adriana Monteiro

Apresentação

O pensamento humano é moldado por muitas fases de aprendizado durante a vida física, bem como torna-se acomodado em ininterruptas formas de armazenamento dessas informações. Não é fácil para nós ditar como agora, pela interpretação do Fernando as informações que temos que passar, mas nos sentimos muito esperançosos pelo fato de haver maior compreensão. Seja por parte daqueles que estudam e professam a Filosofia de Fátima, dos simpatizantes, ou daqueles que experienciam, em inúmeras outras frentes de estudos e pensamentos filosóficos, religiosos aquilo que queremos transmitir nessa humilde obra, neste humilde livro. Acredito que o pensamento religioso, construído pela fé e crenças, seja importante para trazer a coragem e afirmações, religações e as transformações necessárias, muitas vezes encontradas por diversos sentimentos que dificultam a forma de encarar a vida por essas

peessoas. Acreditamos também que, além do pensamento religioso, constrói-se gradativamente a perspectiva filosófica, onde o questionamento, pelo olhar das perguntas, causa um conforto parecido com as mesmas lidas daqueles que aceitam um condicionamento de pensar, pautado apenas na religião. No futuro, a ciência poderá encontrar elementos das quais trazemos de forma simples o que hoje é religião e um pouco de filosofia, mas enquanto isso não ocorre nos aproveitamos do pensamento que nós temos à mão, a oportunidade.

Muitos hão de questionar porquê o título “As mães de Fátima”, mas antes gostaria de explicar que me servi do termo intérprete e assim farei, nesta e nas próximas obras. Haja vista que o termo médium não satisfaz, no pensar contemporâneo, aquilo que estamos realizando. Pode até ser usado como captação, contudo há uma interpretação por quem capta essas informações e nesse campo de entendimento, o termo médium que apenas serve como meio das

informações, já não esclarece, já não traz a clareza do pensamento daqueles que observam o fenômeno. Sobre a questão do título é importante que entendam que o termo mãe não se refere aqui apenas àquelas que foram mães. Seja mãe biológica ou de forma adotiva, no mundo dos encarnados, aqui falo pelo mundo primeiro. Todos aqueles seres imbuídos de um sentimento, onde há renúncia, onde o tempo destinado não se configura apenas para si mesma, mas para uma tarefa de cuidado similar no contexto do sentimento, no contexto da abnegação, no contexto da entrega, no contexto do amor, ao que se entende por mãe. As alegorias e figuras trazidas nesta obra trazem para os leitores uma compreensão sobre uma pergunta muito simples durante o processo de luto. Respeitando todas as correntes filosóficas, pensamentos contemporâneos e antigos, as ciências humanas constituídas na área da perspectiva da mente e psicológica, mas trazemos uma nova janela de observação. A pergunta clássica: Deus me

condenou, ou melhor por que Deus me condenou? E a essa pergunta queremos trazer algumas alegorias, algumas imagens para entender o tamanho do sofrimento. Demonstrando como ocorre o desencarne de um ser em tenra idade física, como se processa o cuidado do lado de cá, trazendo elementos novos que não estão presos mais a aquilo que foi aprendido como colônia, como corpo espiritual, como identidade ou perspectiva de identidade espiritual, como tempo, como espaço. Acredito que já está no momento de termos com cuidado a lida e a observação desses assuntos sem estarmos num condicionamento apenas religioso, automático e de aceitação de algumas ideias que foram trazidas até vocês.

A princípio já questionaria, se alguém pergunta por que Deus a culpou, na morte do seu filho. É porque, de forma óbvia, podemos entender que para ela Deus existe. Deus ser, Deus quase mulher, quase homem, Deus persona, Deus que dita, que sabe de todas as coisas. O

Deus que pune os maus, e Deus que protege os bons. Essa acepção romântica dá um conforto, porque nos livra da ideia de desamparo natural e essa falta que existe em todos que estão encarnados na Terra, mas Deus, nesta perspectiva, na minha humilde opinião, não existe. Deus é a força criadora que desempenhou a eclosão necessária para que o mundo que vocês conhecem exista, para que o mundo que eu percebo coexista desde o ponto que vocês interpretam como início. Desta forma, não somos filhos, somos parte dele. Não estamos no processo necessariamente de evolução e desenvolvimento para busca de uma racionalização, até porque alguns seres estão muito mais atentos ao que se sente, ao que se congrega, ao que se compartilha. E a esses sentimentos busca atenção maior que a própria racionalização dos fatos. Mas este é outro tempo. Sendo assim, sendo parte, somos também deuses. Logo, o contrário dessa ideia de um Deus que realiza um controle absoluto das questões e que

traz a vertente da máxima que “não cairá uma única folha sem que Deus não saiba”. Entendemos Deus como uma força motriz, a força criadora e nós, como parte da sua criação, de seu pensamento, de seu amor. Compararia ainda que nós somos seres infimamente minúsculos, que talvez uma galáxia seja apenas um átomo daquilo que seria o corpo original da força criadora que chamam de Deus. Mas Fátima, se Deus não existe da forma que eu penso, não foi Ele quem tirou meu filho de mim? Que poderia estar comigo? Não foi Ele quem tirou, então quem tirou? Eu pergunto à leitora, ao leitor querido, que hora me dá atenção, e atenção aos assuntos do mundo primeiro, por que alguém, um ser, teria desejo de tirar dos seus braços aquele que você mais amou em vida? A essa questão queremos trazer uma história, para reflexão, para análise, para pensamento com respeito ao modo de pensamento que você desenvolveu, acomodou, aprendeu durante o seu processo nesta encarnação. Inclusive questionam:

Será que o fato de um filho desencarnar, remete a uma culpa do passado? Será que alguém engenhosamente criaria um mecanismo que serviria apenas para punir, a mãe, o pai, a família? E qual a razão disso? Qual o desejo dessa punição? E que regra é essa que é tão poderosa? Que destrói tudo aquilo que construímos como verdade, que é o amor, e a relação daqueles que fazem parte dessa cocriação, dessa força poderosa que está conosco. A isso que queremos trazer, para que a revolta no luto daquelas, daqueles que são religiosos e que tenha a crença do Deus punidor, teremos uma nova perspectiva para ampliar o seu olhar nesta janela tão vasta que se abre diante dos vossos olhos.

As religiões moldaram todos seus esforços na culpa, impedindo que os religiosos antigos, como os cristãos, criassem o desejo de se revoltar e rebelar contra a ordem instituída. Mas, em regra, isso se enraizou no pensamento como que se difundindo de forma social, cultural e cada vez mais penalizando as pessoas que querem ter

esse religar em Deus, de que fiquem calados. Muitas vezes eu peço o silêncio, silencie, mas esse silêncio se refere ao silêncio mental, não tenham raiva, não tenham ódio, não se inquietem pelo mal que ocorre, mas não vos peço que deixem de lutar pelo justo. O perdão não está necessariamente ligado à pessoa que cometeu o mal. Porque o sentimento de justiça estará presente na mente de vocês. Mas que nenhum de vocês merece deixar de viver pelo mal de outro. Não vos peço que silencie para não lutar pelo justo. Que silencie a mente, mas que sejam justos. Daí o campo de justiça que se abre neste instante. Deus é justo com a ida do meu filho? Eu poderia fazer diferente? Por que Deus não me mostrou o caminho? O que eu poderia fazer com que esse mal não ocorresse? E logo depois dessa pergunta, que não pretendo trazer uma resposta necessariamente, mas uma condução a um pensamento mais amplo. Cabendo a interpretação individual e coletiva com a devida elaboração das informações aqui trazidas. Mas

será que realmente depois da morte do corpo físico e seus filhos padecerão de um desamparo. Estarão sozinhos? Alienados? Sofrendo porque vocês sofrem? Estarão em algum hospital ou esquecidos numa ala qualquer porque vocês estão sem chão. A essas questões quero trazer as singelas explicações e perspectivas, mas deixando claro que não será qualquer pessoa que irá entender as suas implicações não por ser uma mensagem que esteja apenas à altura dos iniciados, em absoluto. O pensamento da filosofia que vos trago é para que todos possam observar, mas porque não é costume do pensamento, entender e observar com tamanha liberdade. As mães de Fátima deixam-vos então essa forma de acolher aquilo que parece não acolhido.

“LEAIM COM A ALMA”

Eram onze horas da noite, Claudia havia ido descansar com seu esposo, Ronaldo. Estavam exaustos, sobrecarregados pelo trabalho, atribuições do cotidiano e forçados por uma má alimentação, não aguentavam mais ficar acordados.

Era uma noite chuvosa. E com a expectativa de que, após o descanso, tudo se renovaria.

O casal tinha um filho, Gustavo.

Gustavo tinha quatro anos, um olhar vívido, feliz, descontraído e dramático. E vivia sempre em busca de novas experiências, naquilo que lhe era oportunizado, em função das atividades que tinha junto à família.

A família viva em um prédio. Esse prédio tinha onze andares e eles moravam em um apartamento do décimo primeiro andar.

A janela estava aberta, normalmente não a deixavam assim. Esqueceram. Talvez porque a chuva, pelo menos as gotas que chegavam, amenizavam o calor profundo, da semana que tinha ocorrido.

Nesse instante, sem perceberem, o Gustavo foi em direção à janela, viu as estrelas, viu a rua, viu a vida, viu pessoas distantes. Queria brincar, não sabia do risco. Não sabia do que, de fato, estava acontecendo. Levemente passava-lhe pela mente, a ideia da mãe dizendo que, jamais fizesse aquilo, mas ele subiu, escorregou e caiu.

A queda que, para qualquer observador seria de milésimos de segundos, ocorreu numa percepção diferente para Gustavo. A cada andar uma frequência nova lhe alcançava o pensamento. Uma perspectiva absurdamente mais ampla, como se o corpo em simbiose, com aquilo que chamam de alma, entrevia o óbvio, o linear da vida física e a passagem para um outro mundo, que chamam de o mundo primeiro. E em cada andar que passava, esse espocar, essa

explosão de frequência, lhe fazia ver. Parecia que ele crescia, ampliava-se. Diriam até os religiosos, iluminava-se, mas essa ampliação dava-lhe uma compreensão dos fatos. Um misto de tristeza e de alegria. Traduzo essa perspectiva, não como a associação para a normativa do suicídio, em absoluto. Essa criança não sabia o que estava fazendo de fato, mas quero trazer um olhar, uma alegoria, para que compreendam que, os andares, as personagens e as informações trazem um sentido, um conteúdo muito mais amplo e filosófico do que a história que vos conto.

Quando o corpo tocou o chão, e a gravidade do mundo de vocês acelerou o processo de passagem, um sentimento poderoso pairou no coração da Claudia. Algo tinha ocorrido.

O desejo vertiginoso de correr, para ver o que tinha acontecido, chamou seu filho e, já entre lágrimas, o horror do que poderia ser impossível e foi percebida a janela aberta e, por impulso, olhou e viu o corpo do seu filho no chão.

Não tinha mais voz. Não tinha mais a perspectiva, do que se ouvia, do que se via.

O Ronaldo atrás, gritando para saber o que tinha acontecido. Parecia que o mundo tinha parado. Não havia desejo naquele momento, nem de se jogar, nem de ficar.

O tempo parou para Claudia.

Já para Ronaldo, no afã de tentar resolver, desceu rapidamente as escadas. A cada andar, mais cansaço, mais dúvidas. A cada andar, mais revolta, mais súplica. A cada passo pelas escadas o suor percebido.

Apenas a certeza de que nada poderia fazer. O que lhe foi constatado, quando chegou até o local. Ali era um corpo. Não era mais o seu filho, mas um corpo destroçado pela força da gravidade.

De súbito, uma ideia lhe pairou sem que percebesse. Naquele olhar, não cabia seu filho. Aquele sorriso, não cabia o Gustavo. Nos braços e nas pernas, não cabiam o ser que lhe conferia o amor de sua vida. Extingue-se, naquele

momento, ou vivia em outro lugar? E, antes que pudesse pedir socorro às pessoas, não ouvia nem o grito, nem o choro de sua esposa.

Apenas questionava: Deus, o que Você fez comigo? O que Você “fez conosco?”

Capítulo 2 – Além do túmulo

“ABSORVA O NOVO”

Ali no mundo primeiro um movimento ocorria. Enquanto os humanos na Terra movimentavam-se lentamente, parecendo estar em câmera lenta, seres, que não pareciam humanos, pareciam mais bolas, orbes, elipses, pequenos planetas, como a representação dos seres da Terra, só que em corpos elípticos, pairando de forma livre. Sem braços, sem pernas, sem cabeça, olhando para todos os lados, lembrando de todas as vidas e com uma perspectiva muito mais ampla.

Se humanos vissem, seriam pontos de luzes aparecendo e desaparecendo, piscando. Seu tamanho, inclusive, seria uma incógnita, porque o espaço no mundo primeiro, não é igual ao espaço no mundo da Terra. A velocidade com que conseguiam se deslocar, era vertiginosa. Perceberam, pois, o horror e o medo? Causa uma

onda, que é fácil ser detectada no mundo primeiro. E foi percebida, por esses seres amáveis, acolhedoras, acolhedores, poderosos no amor, que chamarei nessa singela obra de “AS MÃES DE FÁTIMA”. Fátima, não eu! Fátima, a que acolhe, a que ampara, a que prepara para o mundo. As mães da ideia de Fátima. As mães do pensamento poderoso que “Fátima” essa palavra quer dizer. Ao perceber a onda do horror, da dor e da separação, destinamos ao local, com pensamento no mundo da terra, não há limites, não há paredes, não há portas, nada que as impeçam de ultrapassar. E chegando ao “local” perceberam já que como se fossem “fumaças de energia”, já estava solta flutuando, naquilo que ficou irreconhecível no chão, no corpo do Gustavo.

Elas chegaram com profundo amor. Pensaram unidas naquilo que poderia ser alegoricamente referenciado como um cântico de mulheres poderosas, mas pensaram unidas. Juntaram aquela “fumaça”, aquele ser. O que

seria indivisível, estava solto e se uniu, parecendo agora uma elipse, uma elipse confusa buscando braços, buscando pernas, buscando a referência humana, mas era uma criança, e criança é livre e criança almeja um novo.

E aquele Gustavo, com tão tenra idade, não mais estava preso às condições da vida humana.

Livre! Livre! Ousava entender, E apenas com o pensamento, já que boca não existia. Parecia que ao olhar aqueles orbes, aquelas elipses, ele via como se fossem senhoras e moças jovens. Eram formas que se apresentavam para ele, mas que elas já não tinham. Sentiu completamente acolhido, amparado, liberto de qualquer sentimento de medo, de terror, de distanciamento. Percebeu naquele momento, que ele não era apenas o Gustavo. Ele era parte do todo. Ele era parte de tudo. Ele também era o todo. Ele também era tudo, singular que seria, na diversidade, mais partícula emanante, do que nós chamamos de Força Criadora.

Pode de longe, lá de baixo, olhar a mãe de cima e compreendê-la. Pode perceber o pai e compreendê-lo. Já não mais estava preso às perspectivas de desolação, desorientação e desamparo da vida humana. Não era mais só Gustavo, era agora Lourdes, Gaspar, Mirian. Eram todos aqueles que ele viveu, na Espanha, na Grécia, na Turquia, no Japão, no Brasil e em outros orbes e em outros lugares.

Era novamente o tudo, em pequenas partículas vividas de forma atemporal. O Gustavo que a Cláudia estava acostumada a entender, não mais existia. Ele agora era muito mais do que ela poderia imaginar. A mãe de um filho, agora em algumas culturas teria um Deus ou um semideus, tamanha a sua perspectiva de onde ele estava.

Mas Fátima, eu fui acostumada a pensar e até pelo seu pensamento em outros livros, como “A Carta de Letícia” ou “O Céu de Beatriz”, da personificação humana em forma como um monge espiritual. Por que agora fala isso? Porque

agora está pronto e pronta para entender, que precisávamos de ter uma referência humana, para a continuidade da vida, mas ela não se estabelece da forma como a entende. Da mesma maneira que os lugares que compreende, que chama de mundo espiritual, podem caber dentro de um átomo, dentro da tua unha, dentro do teu olho, podem talvez ser tão grandes que vós, que você seria na realidade um grão de areia, um pedaço de um cabelo, a conviver na imensidão de um único ser, mas essa perspectiva, não é para causar assombro, tontura ou desolação, mas para que compreenda que aquilo que entende como vida no mundo primeiro, não é como a vê no mundo da Terra. Aqui não seria o mundo de ideias. Porque as ideias estão condicionadas ao modo de pensar, daqueles que a lhe servem ou utilizam ou são escravos ou libertos. Aqui é um mundo que “vive” nas leis que não cabem a gravidade, não cabem as mesmas perspectivas de cor, de translado e de perspectiva de tempo e de espaço.

Claudia, depois do ocorrido, foi internada, acometida de uma perspectiva psicológica, que não lhe permitia ter condições de se relacionar com o mundo “real”, que lhe conferia a sua relação interpessoal e as suas atividades no cotidiano.

Ronaldo transparecia força, mas chorava entre um expediente e outro no trabalho.

A eles entendiam apenas a concepção de que o filho poderia estar, pelas suas crenças religiosas, num hospital aguardando um contato, aguardando um momento que ficasse “bom”, para que pudesse escrever e dar notícias e ainda imersos em certezas muito mais absolutistas, de que ele estaria sofrendo, não tinha ninguém para amparar.

As ideias, ainda de uma família centrada apenas na consanguinidade, faziam entender que o filho poderia ter sido amparado por algum avô, avó ou parente desencarnado anteriormente. Não compreendia que o amor não tem consanguinidade. Nem na Terra, nem no mundo

primeiro. E que nós aqui amamos a todos de maneira muito mais ampla. E que a perspectiva de individualidade, inclusive, não tem comparação com aquilo que é recebido na Terra. Seja a individualidade social, cultural, no campo das relações, no campo da perspectiva humana, do que é outro. Ela ainda esperava que ele pudesse se comunicar com um “médium”, e trazer informação. E a dor a consumia e lhe tirava todas as forças da sua alma.

“APRENDA COM HUMILDADE”

A cada dia percebido pela Cláudia poderia equivaler a meses na perspectiva do que fora seu filho Gustavo, pois a aceleração das suas partículas, se podemos dizer assim do mundo primeiro, lhe possibilitava interpretar o tempo de uma maneira muito mais vertiginosa, aproveitável. O acúmulo de informações, a perspectiva do espaço, diria mais, fomos muitas vezes confundidos por almas, espíritos, anjos, demônios, mas são crenças da perspectiva humana. Talvez o que mais nos aproximamos são de seres interdimensionais já visto. Percebemos muito mais dimensões que pode ser percebido pelo aparelho limitado das transduções humanas e sua realidade imposta ao cérebro, ao que se entende por realidade e seu mundo particular.

A mãe esperava a criança de poucos anos. O filho já era um ser completamente liberto,

lembrando de dezenas de vidas, com a liberdade de se deslocar, pensar, observar, articular, amar, cuidar, numa proporção que a mãe ou qualquer ser na Terra poderia perceber ou compreender. A mãe esperava aquela criança que dependia dela ainda e ele entendia todo seu sofrimento, seu luto, sua dor, sua agonia. Mas naquela dimensão de perspectiva só tinha uma forma de ajudá-la. “Desacelerando” a velocidade do seu pensamento e da sua frequência para que aquela mãe pudesse entender seu pensamento. Fazendo-se da criança, fazendo-se daquele ser para que ela compreendesse. A interpretação e o modo de pensar da mãe é a única que ele tinha para introduzir pensamentos de como estava, já que ela não ia entender de outra forma. Sendo assim, esse foi o esforço do Gustavo durante cinco anos consecutivos, na Terra, e muito mais no mundo primeiro.

Assim, como foi acolhido pelas mães de Fátima, Gustavo passou a ser também uma dessas “mães”. Absorto no pensamento de cuidar

e de unir, como se entendesse de alguma forma que era partícula, como uma gota d'água que se une a um oceano, que se entende que é partícula, mas entende que está imerso num oceano de milhares de outras partículas. E todas as vezes que um ser desencarnava, ele estava lá, cuidando, amparando, pensando, unindo, congregando, abençoando, disponibilizando-se, afagando, reverberando seu sentimento de amor para que aqueles seres fossem acolhidos.

Mas Fátima, eles não vão para o hospital? Existem duas formas de explicar isso. Primeiro, alguns seres não conseguem, e são raros, libertar-se por completo do pensamento humano e precisam de referências, esses são os que se preocupam em escrever, esses são os que se preocupam em dizer-se, em notar-se e dentro da sua perspectiva dirão, estive no hospital, sangrei, sofri, num local de lama, é o seu céu ou inferno particular, a sua percepção dos fatos. Como naqueles momentos que nós, enquanto encarnados, podemos sonhar ou ter pesadelos à

tarde e absortos, inseridos numa realidade de terror quando se percebe não é o real, mas uma emergência do pensamento aturdido para uma organização mental, então isso pode ocorrer em pouquíssimas vezes e, na maioria das vezes, é uma forma, uma alusão de explicar para os que ficaram na Terra algumas explicações. Vou lhes dar um exemplo: se um ser, como o Gustavo, percebe por exemplo a quilômetros de distância os seus pais e falássemos que ele consegue ver com nitidez seja a distância que for, muitos não entenderiam. Daí falamos ele viu na TV e essa TV ele vê os pais. Se explicássemos por exemplo que não há dor, porque não há nervo, que não há essa sensação de desamparo porque sentimo-nos imersos uns nos outros, na equiparação que é difícil explicar para vocês que estão aí. Vocês não iriam entender. Daí falamos que é uma grande família, uma colônia espiritual com a estrutura da Terra. Quando disse que a Terra é uma cópia imperfeita do que acontece no “mundo espiritual”. Nós entendemos que é uma cópia na

perspectiva humana de forma, das casas, dos corpos, dos pássaros, das plantas, mas, na realidade, é uma cópia de existência, de singularidade. Que diferença faria se fosse na realidade uma estrutura aquosa, uma estrutura onde os seres pudessem se conectar, por exemplo, de uma maneira como acontece aqui nos rios, com suas águas vivas, que diferença faria se tivesse tentáculos, são só formas. E não assim na Terra? Com cores, olhares, línguas diferentes. Então a cópia imperfeita está no modo de tentar se relacionar e existir nesse mundo, mas não necessariamente de uma forma como se entende das coisas, da mesma forma que quando se falam que somos uma equiparação do que seria Deus a sua imagem e semelhança. Não fala se de forma, mas de coexistência, de realidade e trago esses pensamentos. Eu sei que muitos irão ignorá-los agora, para que se acostumem. Porque ele acaba trazendo, várias reflexões sobre. Por que tanto tempo ao me escrever uma carta, por que tanto tempo não dá notícias? Por que tanto tempo para

que eu saiba algo, sinta ou sonhe. Tira-se também esse peso e preocupação que as informações chegadas e as comunicações sejam da forma que escrevia. É um esforço descomunal como Gustavo, imagina escrever uma carta para mãe. O esforço para se mostrar, o que já não se é. Não porque perdeu o amor, mas porque ama de forma muito mais ampla. E precisa diminuir-se para que a mãe compreenda, o compreenda. Desta maneira, percebemos que, muitas vezes, o nosso medo e dificuldade de se abrir para pensamentos tão abertos aumentam o nosso sofrimento porque os nossos filhos deveriam agir conforme o que criamos como realidade e não o que essas partículas são, ou gostariam de ser. Diria mais, para que Gustavo pudesse continuar trazendo ideias à sua mãe, a impressão que nos dava, aqui no mundo primeiro. É que ele teve que diminuir seu tempo, com que quase para no tempo. Para que pudesse olhar para aquele ser que amava mais que tudo e de ver que estava bem. Mas a mãe, ali na sala do apartamento, do décimo primeiro

andar, ela vendo a sala branca, a luminária, o sofá, esperando a criança. Sentada no sofá para falar com ela, tinha uma forma elíptica, luminosa, clara. Talvez observada de mais perto, como se fosse detalhes de um planeta, configurando talvez, o que poderia ser mal equiparado aos órgãos humanos esses seres, mas com outro sentido, com outra ilusão, com outra realidade. Era um ser humano, mulher de cabelos longos, olhando uma eclipse e esperando uma criança. Ela no seu tempo limitado, lento, pelas condições da gravidade. Ele, livre, com toda dificuldade para que pudesse permanecer mais lento, para que ela pudesse de alguma forma senti-lo.

Capítulo 4 – Deus não existe

“SEU PENSAMENTO É O SEU LIMITE”

Mas onde estaria Deus? Onde de fato estaria esse Ser que criou todas as coisas? Pois, na perspectiva do Gustavo, não houve nada de errado. Ele apenas sentiu desejo de ir na janela, escorregou e caiu. Mas a mãe pensava que se ela tivesse colocado uma tela poderia ter evitado. O mundo e as pessoas à sua volta condenando, mesmo que indiretamente. A culpa era o único abrigo que aquela mulher tinha. Mas se Deus não condenava a criança e sequer aparecera, mas que estava em tudo aquilo que ele experienciava, no mundo primeiro, por que então a mãe se sentia tão mal? Gritava, com raiva de Deus, para saber o porquê do filho não estar mais ali presente.

A questão que trago a vocês, é justamente essa, a perspectiva do Deus que criaram faz com que Ele se torne limitadas e limitados, circunscritas a esse pensamento. O pensamento

nos limita, o pensamento que há um controle de todas as coisas, e esse pensamento de que há um grande agente olhando. Sim, olhando, percebendo todas as coisas, sim, mas interferindo? Não, não em tudo, mas esse tema sobre a interferência das coisas humanas, também é material para outro livro, dentro dessa questão de Deus e do que pode realizar, do que pode ser, do que pode nos afetar. Cabe sempre a perspectiva de quem olha para esse Deus. No momento que ele não existe da forma que o concebemos, no momento que ele não é um ser, mas um todo. Eu tiro a responsabilidade dele. O problema é que na hora que retiro a responsabilidade desse Deus, alguém tem que ter culpa. Ou culpo a quem está do meu lado, ou culpo a mim. Mas porque precisa ter culpa, quando não há culpa. Quando não houve a intenção, não houve o desejo, ou mesmo não houve a concretização de um ato que levasse a morte daquela criança. É natural que exista esse sentimento, é natural que ele venha, pois é uma

forma da mente organizar, setorizar, tentar elaborar a maneira como se vê aquela falta. Aquele vazio que jamais vai ser preenchido em vida, não na vida física. E por não ter nada que se coloque no lugar, que se substitua a ideia daquela criança. Os primeiros pensamentos são de culpa. E se eu não posso culpar Deus porque Ele não é da forma que eu concebi, se eu não posso me culpar porque eu não tenho a responsabilidade, como eu lido com essa culpa?

Gostaria de fazer algumas perguntas a você. Por que a sua família tem que ser um homem, uma mulher. Por que ela em que ser monogâmica? Por que ela tem que ser com muitos filhos. Por que ela tem que ser com muitos móveis e objetos para descrever uma realidade cultural. Por que tem que ser o seu esposo, a sua esposa, o seu filho, a sua filha. Por que não seres que se organizam numa estrutura para sobreviverem melhor na realidade contemporânea, mas cientes de que somos em sociedade uma grande família.

Qual foi o momento que você interpretou o mundo, como se o mundo estivesse brigando com você, com quem você compete? Com quem você briga? O mundo não está querendo te destruir, mas as pessoas por não se unirem, por não pensarem um no outro, estão se distanciando e criam castas, separações.

Um prédio de onze andares, com tantos apartamentos e a Cláudia sozinha, sem ter ninguém para conversar. Porque todos estão correndo demais para trabalhar, pagar as suas contas e manter a sua família e seus maridos, esposas, filhos, móveis, esquecendo-se um dos outros.

Diria ainda que o Deus percebido por cada pessoa daquele apartamento seria um Deus diferente. Um Deus que daria riquezas materiais. Um Deus que prejudicaria alguém que fez uma maldade a Ele. Um Deus que cuida, um Deus que ampara. Um Deus que criou tudo. Um Deus como de Spinoza, que estaria imanente na sua própria criação, na natureza. E assim nós somos

fruto, no sentido de imagem e semelhança de um Deus, mas nós criamos um Deus a nossa própria imagem e semelhança, de acordo com a nossa forma de pensar, o nosso modelo de pensamento. Quanto mais vemos, quanto mais olhamos o mundo, quanto mais respeitamos o outro, quanto mais damos razão para que as pessoas possam ser como elas são. Sem o nosso controle, mas nos abrimos ao pensamento de um Deus ou deuses de outra forma. Leiam as tragédias gregas, percebam o modelo de pensar das pessoas daquela época. Condicionadas à ideia dos deuses. Façam comparações com a vida de vocês agora, onde quer que vivam, morem ou que língua falem. Já não há Deus a quem culpar, já não existe mais culpa e o vazio se instaura em Cláudia. E agora o que faz? Perde-se tudo? Foge-se de tudo? Distancia-se de tudo? Por que não faz mais sentido a vida? Porque a parte de Cláudia que estava em Gustavo já não existe mais.

Eu deixo a pergunta: o Deus criado pela tua forma de pensar, se Ele não realiza aquilo que

você espera, Ele morre ou Ele vive? E será que construiu um Deus para que seja realmente uma autoafirmação de seus valores desde muito tempo, fará diferença sobre os fatos. O amor não morreu. O Gustavo o corpo físico morreu.

As mães de Fátima continuam todos os instantes cuidando de seus filhos. Que são filhos de outras, que são filhos de outros. E nós brigando, discutindo, nós eu me incluo como uma forma de dizer que estou do lado de vocês mesmo diante dessas adversidades e brigas, discutindo por opiniões, enquanto os verdadeiros amores de vocês voam libertos em todos os lugares, esperando apenas que vocês possam entender, mergulhar em si mesmos, que há muito mais que um modo de pensar sobre Deus e o mundo que vocês têm.

Capítulo 5 - A Meditação

“ELE/ELA ESTÁ DENTRO DE VOCÊ”

Após dez anos da morte física do Gustavo, Ronaldo não mais suportou a forma de encarar o mundo de esposa e foi seguir com seus valores, referências.

A Claudia preferiu mergulhar em si mesma. Aceitou que não poderia trazer o corpo físico do seu filho de volta. Compreendeu que ele era qualquer coisa, longe de sua perspectiva. Recebeu cartas de muitos intérpretes e essas cartas traziam elementos de informação que lhe consolavam. Nenhuma delas ela investiu qualquer valor financeiro, mas obteve um valor inestimável em sua própria alma.

Decidiu então realizar algo muito simples, mas poderoso e que a realizava o contato, com que ela acreditava ser seu filho. E de fato era. Ela passou a meditar. E de cinco minutos por dia, passou a meditar quinze, vinte minutos. E nesses

instantes eternos, onde o tempo parava, ela encontrava um tempo, em que o Gustavo poderia ser percebido.

Ela aumentava a velocidade da sua perspectiva em vibração e ele baixava a dele. E nesse tempo que era só deles, eles podiam se comunicar. E vinham ideias que ela não sabia de onde existia. E ela compreendia que; como se fossem sonhos, mas ela estava acordada em meditação. Mesmo às vezes, com os olhos abertos, ela percebia o rosto do Gustavo, o sorriso, o perfume, parecia que ele a abraçava. Ela chorava, mas não de desespero, havia uma falta. Era uma parte dela, que não mais existia, mas ela podia agora tentar se conectar. Não mais com uma perspectiva humana, dos sentidos humanos, mas com a perspectiva da alma, se assim posso falar. Agora ela não era mais o corpo. A mulher, os braços, as pernas, a cabeça, o tronco. Ela era agora, a mente dela em meditação. Agora sim, ela podia compreender o que seu filho se tornara. E, diante de um ato tão simples, ela pode agora

conversar “com seu filho”, durante o resto da sua vida, mas para que ela pudesse conseguir isso, o seu modo de pensar mudou.

Não adiantava culpar Deus, culpar a ela, culpar aos outros. Não adiantava criar formas, para que aquilo que ela achava que era ele voltasse. Ela tinha que se adaptar, como a água fluída que ultrapassa os obstáculos. Adaptar-se, por mais difícil que fosse aquela situação. E compreender o filho de forma direta. Não mais por “interpretes”, “médiuns”, mas diretamente com ele, onde o tempo e o espaço, naqueles quinze, vinte minutos de meditação, faziam com que ela interpretasse um mundo novo, onde a sua mente agora, era o aparato dessa comunicação, para um mundo novo, ideias novas, para perspectivas novas, precisamos olhar de uma forma nova, para elementos do mundo primitivo, não há comparações humanas que nos deixe empacotadas na caixa desse modo de pensar, por isso a única maneira desta conexão, é

mergulhando na meditação, oração, ou a forma que encontrarem de fazer o tempo “parar”.

A romântica perspectiva da casualidade, inseridas nas religiões e filosofias que acreditam na reencarnação e na perspectiva limitada que deram ao karma, fazem com que as pessoas na Terra busquem razão de tudo, como se tudo pudesse ter resposta, mas não entendem que querer dar respostas a todas as coisas é mostrar a sua própria limitação de compreensão sobre o que ocorre no seu dia a dia, sobre a própria criação, sobre a força criadora que nos une, que nos propicia sermos todos, mas na perspectiva temporal e espacial da terra, serem tão individuais.

Agora, se essa alusão poética, porém realista, não lhe causar o sentimento de uma perspectiva mais ampla e a preocupação seja apenas uma comparação daquilo que conhece e lhe causar a estranheza profunda, apenas para o julgamento, solicito que busque o melhor modo de pensar, que lhe acalme.

As ideias que trago, são trazidas de uma forma não enigmáticas, mas de uma maneira que o seu pensamento se abra com calma para aquilo que é tão tangível e percebível por mim, mas que parece ser tão longe de compreensão por vocês.

“As mães de Fátima”, as mães que abençoam, não têm consanguinidade.

Nenhuma criança é desamparada após a morte e. criança para mim, são todos aqueles que desencarnam. Ninguém estará só, apenas a perspectiva de cada um que pode ser imprimida por um intérprete, percebida por um intérprete, captada, afunilada por um intérprete, não pode ser a compreensão da totalidade do que ocorre no mundo primeiro.

E se as discussões foram sobre verdades e mentiras em crenças, apenas na perspectiva de um modo de pensar, então a própria fórmula ousada para compreender os fatos, já estaria perdida.

“As mães de Fátima”, somos todas nós que precisamos nos unir, nos amparar, no mundo primeiro ou na Terra, para que todas aquelas que sofrem com a ausência dos seus filhos entenda, eles não estão sós e elas também não deveriam se sentir sozinhas.

O que é a Filosofia de Fátima?

A Filosofia de Fátima é uma filosofia de vida com base ecumênica e que se divide em dois pilares a saber:

- O estudo da filosofia;
- A prática de ações sociais.

A Filosofia de Fátima se originou na fundação do Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima em junho de 2019. Sendo considerada, a primeira filosofia religiosa fundada na cidade do Rio de Janeiro.

A sede do Instituto, conhecida como a Casa de Fátima, realiza inúmeras ações sociais no bairro de Sepetiba na cidade do Rio de Janeiro.

www.casadefatima.org

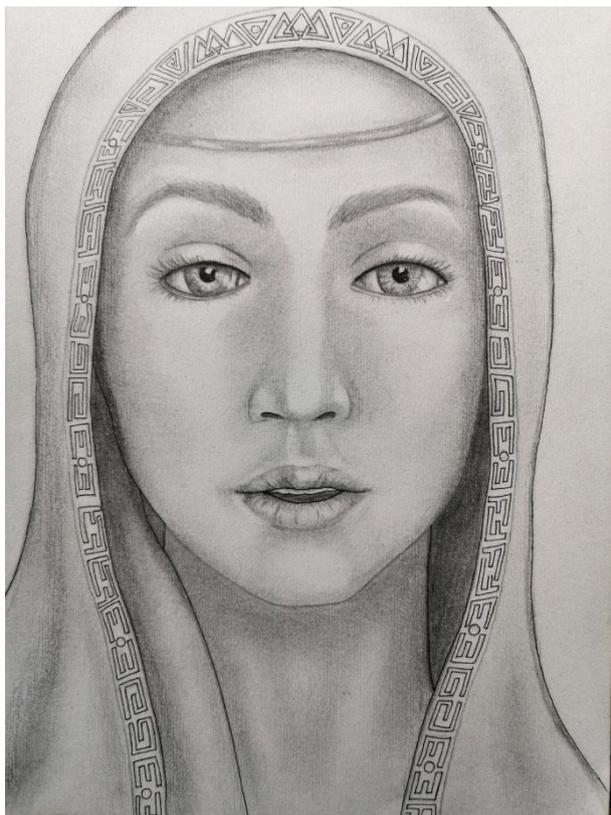
Quem é o fundador da Filosofia de Fátima?

O fundador da Filosofia de Fátima é Fernando Ben, psicólogo, pós-graduado em Saúde Pública, mestrando em Psicologia Social e pesquisador científico do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Aprimoramento Humano.

A fundação desta filosofia de vida baseia-se em seu campo de fé e tem como foco, o respeito entre as religiões e ao amor ao próximo.

Com esta obra, Fernando Ben doa 26 livros publicados para a Casa de Fátima. Todas as obras podem ser baixadas gratuitamente no link:

www.casadefatima.org/livros



Desenho de Fátima por: Luís Pedro de Castro – aka
Strangelfreak

Esta obra faz parte do acervo do Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima – Casa de Fátima IEEF, cedido gentilmente pelo psicólogo e fundador da casa Fernando Bem, de forma gratuita.

Este livro não pode ser vendido de nenhuma forma e nem publicado em outro local sem autorização, sob LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.